

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - Unipampa

Silvia Fernanda Rodrigues Veloso

Vivências do Cotidiano Escolar

**Dom Pedrito-RS
2019**

Silvia Fernanda Rodrigues Veloso

Vivências do Cotidiano Escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Ciências da Natureza

Orientador: Jonas Anderson Simões das Neves

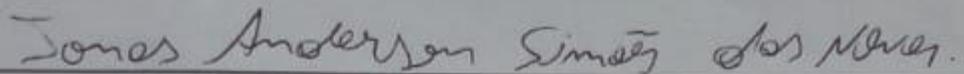
**Dom Pedrito
2019**

Vivências do Cotidiano Escolar

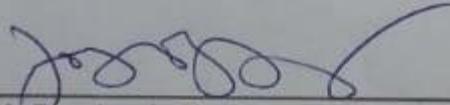
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Ciências da Natureza.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: dia, mês e ano.

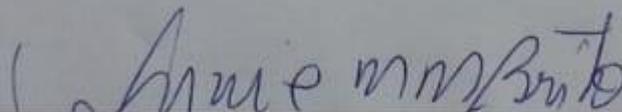
Banca examinadora:



Prof. Dr. Jonas Anderson Simões das Neves
Orientador
UNIPAMPA



Prof. Dr. José Guilherme Franco Gonzaga
UNIPAMPA



Prof.ª Dr.ª Annie Mehes Maldonado Brito
UNIPAMPA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

V443V Veloso, Silvia Fernanda Rodrigues
Vivências do cotidiano escolar / Silvia Fernanda Rodrigues
Veloso.
41 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2019.
"Orientação: Jonas Anderson Simões das Neves".

1. Cotidiano Escolar. 2. Família. 3. Educação. I. Título.

Dedico este trabalho a Hémily Meneses minha filha e companheira de vida, pelo incentivo e apoio incondicional, mesmo ausentando-me por tanto tempo, e também ao Professor Dr. Jonas Neves por aceitar dividir comigo este momento especial de construção e formação acadêmica.

AGRADECIMENTO

Ao Professor Dr. Jonas Neves que aceitou me orientar e embarcou comigo, nesse trabalho de conclusão de curso, com paciência e compreensão.

A todos os professores que fizeram parte da caminhada durante esses quatro anos.

A Universidade Federal do Pampa, campus Dom Pedrito, pela oportunidade de uma formação de qualidade e gratuita, a qual me proporcionou realizar o sonho de uma graduação.

A turma Mônica Molina por todos os desafios e obstáculos que enfrentamos juntos, mas principalmente pela oportunidade de conhecê-los, vou guardá-los em minhas memórias eternamente.

A minhas companheiras rosarienses que contribuíram de forma significativa com esse trabalho, que me incentivaram desde o início a persistir, não conseguiria sem vocês, Mari Ferreira, Gleni Quadros e Adriana de Moura, infelizmente duas desistiram no caminho, somente eu e Mari chegamos até aqui, porém essa vitória também é delas.

A minha família que sempre me incentivou a alcançar meus objetivos, com carinho e apoio.

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida como trabalho de conclusão do curso de Educação do Campo - Licenciatura, da Universidade Federal do Pampa – campus-Dom Pedrito, tem como objetivo principal analisar os efeitos do acompanhamento escolar junto à família sobre o cotidiano escolar. O trabalho está estruturado da seguinte forma, introdução que traz um histórico da escola pesquisada, referencial teórico, o qual dialoga com autores acerca do cotidiano escolar, que de acordo com Garcia (2003) é um espaço complexo e merece um olhar multidisciplinar para dar conta de entender as transformações que nele acontecem a todo momento; metodologia foram realizadas observações na escola e visitas a algumas famílias, para conhecer a realidade das mesmas e perceber qual sua compreensão em relação à escola, assim como os efeitos destes acompanhamentos no ambiente escolar. Pode-se destacar como resultado mudanças significativas na socialização, na autonomia e segurança dos alunos na escola, fato que demonstra o quanto a mesma foi válida, pois criou u elo entre os atores sociais envolvidos. Diante da análise percebemos que a escola deve pensar estratégias como estudos e ações que proponham uma relação mais próxima entre professor/aluno, mas que tais ações sejam contínuas, para que se tornem significativas, assim como seria necessário um maior espaço de tempo para realizar tais acompanhamentos, no entanto conhecer a realidade das famílias e suas vivências enriquece a troca entre família/escola e dá um novo significado ao aprender e ensinar.

Palavras-Chave: Cotidiano Escolar, Família, Educação

ABSTRACT

The present research was developed as a conclusion of the course of Field Education - Licenciatura, Federal University of Pampa - campus - Dom Pedrito, has as main objective to analyze the effects of the school accompaniment with the family on the school routine. The work is structured as follows, an introduction that brings a history of the researched school, a theoretical reference, which dialogues with authors about the daily school life, which according to Garcia (2003) is a complex space and deserves a multidisciplinary view to account to understand the transformations that take place in it at all times; methodology, which describes action research as the main instrument used and details its steps. Observations were made at school and visits to some families, to know the reality of the same and to understand their understanding of the school, as well as the effects of these accompaniments in the school environment. In the face of research, we can highlight significant changes in the socialization, autonomy and safety of students in school, a fact that demonstrates how valid it was, since it created a link between the social actors involved. Before the analysis we realized that the school should think strategies such as studies and actions that propose a closer relationship between teacher / student, but that such actions are continuous, so that they become meaningful, as it would require a greater space of time to accomplish such but knowing the reality of families and their experiences enriches the exchange between family / school and gives a new meaning to learning and teaching.

Keywords: Daily life, Family, Education

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2.REFERENCIAL TEÓRICO	21
3. METODOLOGIA	26
3.1. ITINERÁRIOS DE PESQUISA.....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
5. REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE.....	43

1 INTRODUÇÃO

A Escola Municipal Agrícola de Rosário do Sul, também chamada de Escola da Divisa, educandário escolhido para realização da presente pesquisa, foi inaugurada no ano de mil novecentos e oitenta e sete, com uma área total de aproximadamente quatrocentos e trinta hectares, com mil novecentos e quarenta e cinco metros quadrados construídos. Na época, atendia em torno de cento e oito crianças, muitas delas tiradas do abandono das ruas, as mesmas, além de serem alfabetizadas, também eram orientadas em relação a hábitos de higiene, recebendo ainda alimentação e desfrutando de atividades de recreação.

De acordo com relatos da primeira diretora da escola, a filosofia da Escola Agrícola naquela época era a convicção de que a criança, em contato desde cedo com a terra, com as plantas e com os animais aprenderia a gostar das atividades do campo, o que seria útil na sua formação profissional, visavam uma formação ampla, voltada para vida comunitária. Os alunos receberiam uma bagagem que lhe permitiria compreender a realidade que estavam vivendo, pois se tratavam de alunos muito carentes, sem estrutura emocional, social e econômica e na escola teriam uma chance de se realizar como indivíduos.

Conforme relata a primeira diretora da escola, a mesma fundamenta sua ação educativa em determinados princípios, entre os quais se encontra a busca da identidade pessoal e humana por parte do educando e do educador. A valorização do trabalho é elemento de autorrealização e sobrevivência do ser humano, assim como a da saúde, considerada como condição básica para seu desenvolvimento integral. A valorização do homem da terra, a fixação do homem na zona rural, a melhoria das condições de produtividade da propriedade rural, o incentivo à pesquisa, a preservação de recursos naturais e a expansão do patrimônio cultural regional são partes do ensino.

No ano de oitenta e cinco, quando foi inaugurada, a escola tinha como projeto ser uma escola de primeiro grau completo, com alojamento para atender alunos da campanha, os quais, em sua maioria, não tinham acesso à escola devido à falta de estadia na cidade. Outros projetos que existiam eram os de zootécnicos, no qual se destacava a apicultura, (cultura de abelha para produção de mel), a avicultura (criação de galinhas de posturas e de corte), a suinocultura (criação de porcos), a bovinocultura (criação de gado de corte e de leite), a ranicultura (criação de rãs) a

piscicultura (criação de rãs e de peixes), a cunicultura (produção de lã e carne), tudo para abastecimento próprio, comercialização e para ser uma escola literalmente autossuficiente em termos de ensino, ao longo dos anos essas práticas foram se perdendo por falta de recursos e profissionais que dessem conta de realizar tais atividades, conforme aponta a primeira diretora da escola.

Quando inaugurada, o corpo docente da escola era composto por dez professores, sendo alguns técnicos agrícolas e os demais com formações das diferentes áreas de ensino. A manutenção, limpeza, cozinha, vigilância, transporte, auxílio rural, orientação e assistência ao educando era feita por dezoito funcionários municipais. A direção, na época, estava a cargo da professora Iara Lima Pereira, que assumiu o cargo em maio de mil novecentos e oitenta e oito, ficando por quatro anos.

O prédio contava com seis salas de aula, sala de direção, supervisão de professores e orientação, um gabinete dentário e um gabinete médico, um refeitório com cozinha e despensa, dois blocos sanitários (com chuveiro), sanitários especiais, oficina para máquinas e implementos, alojamento, sala de estar, almoxarifado, uma residência para professor e duas para caseiros, um galpão para produção agrícola, um para zootecnia e um para culto às tradições gaúchas, um poço artesiano e uma barragem com capacidade de trezentos e trinta e cinco mil metros cúbicos de água. Possuía alojamento, porém o sistema vigente era o de semi-internato, ou seja, as crianças eram levadas até a escola em transporte da prefeitura pela manhã, quando iniciavam suas atividades, recebiam café da manhã, logo após, aulas práticas, recreação, educação física, pequenas atividades rurais (horta, aves), banho, almoço, regressavam para casa a tarde, em torno das dezessete horas. Conforme documento existente na escola.

No decorrer dos anos, até os dias atuais a escola, foi perdendo essa identidade, devido a falta de verbas e interesse do poder público em mantê-la em tempo integral, passando a exercer suas funções apenas em um turno, uma escola curricular situada no campo, atendendo alunos urbanos.

Atualmente, dispõe de diretora e vice-diretora, um quadro de dez professores, quatro funcionários e 110 alunos, do jardim B ao nono ano.

Quanto à estrutura física, o educandário possui oito salas de aula, um refeitório anexo a uma cozinha, uma despensa, biblioteca, sala de informática, sala de direção, quatro banheiros, sendo dois masculinos e dois femininos, secretaria,

sala dos professores, escovódromo, brinquedoteca e sala de cinema, almoxarifado, pracinha, tanque de areia, pátio amplo e horta, onde os educandos desenvolvem atividades acompanhados dos professores.

No quadro geral, o prédio está com a estrutura comprometida, telhado, piso, paredes, portas, janelas, instalações hidráulicas e elétricas estão mal conservados. No aspecto de conservação do mesmo existem muros pichados, depredação de banheiros e dependências externas, no entanto, se tratando das paredes, o pátio, portas, janelas, salas e banheiros, avalia-se que estão em bom estado. A limpeza diária é realizada nas salas e nos banheiros. A cozinha e o refeitório recebem uma atenção especial em relação à higiene.

A escola controla a presença dos alunos através da ficha FICAI (Ficha de Comunicação de Aluno Infrequente), semanalmente se o aluno tiver cinco faltas consecutivas ou vinte por cento do bimestre o professor entra em contato com o familiar do mesmo para saber o motivo de tais faltas. Quanto às desistências, há algumas, a maioria por transferência, em alguns casos foi preciso efetivar visita aos pais, a fim de tentar solucionar o problema de ausências consecutivas e sem justificativas. Os professores, principalmente dos anos iniciais, buscam por um maior número de presenças dos seus alunos, bem como por uma melhor qualidade de ensino e aprendizagem, para as professoras da escola. A assiduidade é ponto fundamental para que o educando tenha maior sucesso na vida estudantil.

Analisando a escola hoje, percebe-se que a clientela não diferencia da época em que foi inaugurada, com alunos carentes. O que diferencia são as atividades realizadas, que anteriormente eram dois turnos, um com aulas teóricas e no turno inverso práticas agrícolas e, atualmente, há somente um turno. Algumas instalações, que hoje estão mal conservadas, não são utilizadas em sua plenitude devido à depredação, observada diariamente pelos integrantes que fazem parte de sua realidade.

A área foi reduzida drasticamente, não conta mais com um vasto terreno, ficando praticamente só com o pátio da escola, por conta de algumas famílias que vieram morar nos arredores da escola e acabaram se apropriando de boa parte do terreno. A escola conta com a dedicação dos funcionários que desempenham suas funções com amor e carinho, o que é importante para o desenvolvimento dos alunos.

Este histórico da escola Agrícola foi construído no segundo semestre do Curso de Educação do Campo-Licenciatura, durante a realização do Projeto

Interdisciplinar II: A Escola como Espaço Emancipatório: Reflexões a partir da Realidade da Escola, em parceria com o grupo de acadêmicas de Rosário do Sul do qual faço parte, sendo do comum acordo das demais colegas que fosse utilizado nessa pesquisa.

Eu, enquanto professora atuante na referida escola e acadêmica do curso acima citado, exercendo o papel de pesquisadora, não poderia deixar de olhar minhas vivências e relatar o cotidiano do qual faço parte. Como um ambiente recheado de atitudes e ações, que além de descrever o dia a dia de sujeitos que se relacionam, ao mesmo tempo, que transformam o ambiente que estão inseridos, pode colaborar com estudos para a compreensão do cotidiano escolar.

Cheguei à escola Agrícola há dez anos, sem nenhuma informação sobre a mesma, levei minha filha comigo, na época com seis anos de idade, pois não tinha com quem deixá-la, como estava em idade escolar a matriculei no primeiro ano do fundamental e assumi um segundo ano.

No primeiro dia a diretora agradeceu por ter aceito assumir o cargo de professora e confiar na escola levando minha filha, naquele dia não entendi a colocação da mesma, porém ao decorrer dos dias e observando os alunos na escola, pude compreender que se trata de uma escola com alunos urbanos que frequentam uma escola situada no campo, o que a torna diferenciada das demais, mas comporta as mesmas necessidades econômicas, pedagógicas e estruturais como tantas outras. Assim como os alunos, que carecem de atenção e suporte para a construção da cidadania, fato comum a todos estudantes, o interesse pelo ser humano é essencial para o seu pleno desenvolvimento.

Rapidamente me identifiquei e adaptei-me a escola como se já fosse parte da mesma, porém não podia deixar de me surpreender a cada vez que os alunos se agrediam, usavam de palavras de baixo calão para se referir uns aos outros. Situações as quais fui aos poucos me adaptando e criando mecanismos para tentar de alguma forma mudá-las, tentativas no sentido de que percebessem o quanto é bom ser tratado com respeito e que “gentilezas geram gentilezas”, mas que o contrário fortalece a violência.

Como meu contato sempre foi com os pequenos, já que trabalho com alfabetização, tive ao longo desses anos a oportunidade de trabalhar com o programa Mais Educação durante dois anos, eram três oficinas e cada uma atendia uma turma por vez durante a tarde. Fui responsável pela oficina sobre

compostagem, e atendia durante a tarde todos os alunos da escola que eram divididos por turmas, porém não havia separação crianças e adolescentes.

Foi uma experiência bastante difícil, já que a maioria dos adolescentes não estava ali por vontade própria, mas pela vontade dos pais, para que os filhos permanecessem na escola por tempo integral. Este fato repercutiu interesse dos mesmos pelas atividades realizadas. O mesmo não ocorria: com os alunos menores que adoravam as oficinas, talvez por ter muitas atividades extraclasse, enfim, tive que pensar inúmeras estratégias e metodologias para prender a atenção de todos, já que naquele período estavam sob minha responsabilidade, mas pude perceber que mesmo os alunos maiores, a partir do momento que me disponibilizei a ouvi-los e planejar de acordo com seus interesses, as aulas passaram a ser mais tranquilas e proveitosas.

Conclui que realmente os alunos precisam de atenção e afeto, até mesmo aqueles que parecem ser mais rebeldes. Não estou culpando os professores por nem sempre terem essa compreensão, mas sim afirmando que a realidade do aluno deve ser levada em consideração durante a prática docente para que o aluno sintasse parte integrante da mesma.

Quando ingressei no curso de Educação do Campo e me deparei com diálogos e trocas acerca da educação, os quais me levaram a refletir sobre as escolas do campo e o porquê do descaso com as mesmas, situação comum aos municípios da região, questionei-me de que maneira poderia contribuir com a realidade a qual pertenço, e logo percebi que não poderia desperdiçar a chance de desenvolver a pesquisa de conclusão de curso na escola Agrícola, buscar maneiras de tentar contribuir com a aprendizagem dos estudantes, assim como minha própria prática docente.

O ambiente escolar é um importante objeto de pesquisa, que apresenta inúmeras possibilidades de observações do cotidiano que nos revelam comportamentos, atitudes, fazeres e saberes dentro de um contexto rodeado de descobertas significativas durante a aprendizagem dos estudantes. Diante do descrito escolhi o cotidiano escolar para realizar minha pesquisa, pela relevante importância em observar com um olhar diferenciado o contexto que faço parte, assim como verificar como a família enxerga o papel da escola, se a mesma está presente na escola, o que as crianças gostam ou desgostam na escola, enfim, refletir a partir das práticas cotidianas estabelecidas no ambiente escolar maneiras de melhorar a

relação professor/aluno e, conseqüentemente, a aprendizagem dos mesmos, questionamentos que fazem parte do referencial teórico da pesquisa.

Acredito que pensar no cotidiano escolar como fonte de pesquisa e na família como um suporte para que a aprendizagem aconteça é relevância, pois a criança tem a família como aliada nesse processo, quando é estimulada pela mesma em casa. Do contrário, deixa grande falta quando não se faz presente na escola, fato que aconteceu durante o ano passado com um aluno do primeiro ano na turma em que eu era docente. O menino apresentava comportamento agitado, dificuldades de atenção e as vezes se mostrava agressivo com palavras, porém nenhum responsável compareceu na escola durante todo o ano letivo, mesmo com apelos e bilhetes solicitando a presença, a situação foi sendo contornada com diálogos entre aluno, professora e equipe diretiva. No último dia de aula, durante a entrega de pareceres, a mãe do menino compareceu a escola, conversei com ela e disse que durante o ano letivo precisei muito da presença dela na escola, porém que na ocasião, ao findar o ano somente tinha um pedido, que a mesma acompanhasse o filho durante o ano seguinte na escola. Diante do fato, fica nítido o quanto a presença da família na escola se faz necessária, como, acredita-se, poderia ter sido diferente para esse aluno e minha prática docente se a mãe o tivesse acompanhado, entretanto também é papel da escola conhecer a realidade do aluno, assim como de sua família.

Realizar uma pesquisa a partir do cotidiano escolar tendo como aspecto principal a família me parece uma maneira de investigar e evitar que mais casos como o exposto aconteçam, pois a proximidade do docente e das famílias pode contribuir de forma positiva no desenvolvimento dos alunos dentro da sala de aula.

Sendo a escola o ambiente onde as crianças devem ser estimuladas a pensar, criar e viver o coletivo, respeitando as diferenças, é relevante pensar que a família deve estar presente no ambiente escolar, contribuindo como primeiro grupo socializador da criança, transmitindo-lhes valores. Bem como a escola deve preocupar-se em manter contato direto com a família, com o objetivo de estreitar laços, conhecer a realidade dos alunos e criar uma mesma linguagem, a qual família e escola contribuam de maneira significativa na formação das crianças. Frente ao exposto, a pesquisa tem como objetivo geral: analisar os efeitos do acompanhamento escolar junto à família sobre o cotidiano escolar, e objetivos

específicos: Observar o cotidiano dos alunos durante a ação desenvolvida, identificar o envolvimento da família no cotidiano escolar.

2.Referencial teórico

Conviver em sociedade nos possibilita múltiplas vivências, saberes e aprendizagens, que acontecem nos vários espaços de socialização existentes, nos quais todas as ações que neles se desenvolvem acabam por modificar o ambiente, assim como os atores envolvidos.

A vida em sociedade que constitui o cotidiano não é feita somente de normas e regras, mas sim dos personagens principais, os praticantes da vida cotidiana, visto que ao conviverem transformam o meio pelo que fazem dele, nele e com ele. (OLIVEIRA, 2008)

Frente ao exposto é viável refletir na contribuição dos sujeitos praticantes da vida cotidiana, bem como nas possíveis mudanças que ocorrem no meio a partir das ações realizadas no mesmo.

São inúmeros os espaços sociais que possibilitam trocas e aprendizagens entre os sujeitos que constituem a sociedade, aproximando pessoas de diferentes idades e opiniões, vivenciando atitudes e ações que fazem parte do cotidiano.

Os diferentes tipos de cotidiano englobam uma rede de conhecimentos que retratam vivências, ações e atitudes que fazem parte do dia a dia dos sujeitos nos diferentes espaços sociais. (OLIVEIRA, 2008)

Entre os diferentes tipos de cotidianos existentes em nossa sociedade, destacamos a escola e a família como principais espaços sociais que contribuem no desenvolvimento dos sujeitos que vivem em sociedade.

É a família a principal responsável pela socialização das crianças, é o primeiro grupo que deve acolher e estimular os filhos ao desenvolvimento afetivo e cognitivo. A nova constituição familiar apresenta-se com diferentes perspectivas, porém não deve deixar de manter sua essência, desempenhando seu papel em relação aos cuidados com os filhos. (BERGER, LUCKMANN, 1993).

A variedade, segundo Ceccarelli (2015), diz respeito aos novos arranjos da família, trata de ligações afetivas entre sujeitos dos quais as relações parentais não vem ao encontro dos padrões tradicionais.

A escola, em muitos casos, é o segundo ambiente de socialização das crianças, é nela que acontecem trocas e experiências, tomadas de decisões diante de situações problemas, enfim, o desenvolvimento dos seres humanos. A relação família/escola gera discussões que envolvem as possíveis influências de ambos

contextos na vida escolar dos alunos. Segundo Berger e Luckmann (1993), a socialização primária é o primeiro grupo ao qual a criança possui como referência para sua vida, e deve ser dotado de significados para que os ajudem a socializar-se com o resto do mundo, portanto é na socialização secundária, a escola, que a criança compartilha de sensações e saberes que vivenciou na família.

Levando em consideração as vivências e produções de conhecimentos que ocorrem nos espaços escolares, podemos considerar o cotidiano escolar um ambiente de extrema riqueza e relevância frente aos estudos sobre o comportamento humano.

O cotidiano escolar, assim como outros cotidianos aos quais fazemos parte, revelam importantes acontecimentos que constituem nosso processo de ser e fazer, enquanto seres humanos. (ALVES, 2003)

A família faz parte da vida do aluno, portanto para que a aprendizagem aconteça à escola deve trabalhar de acordo com sua realidade, tornando os saberes significativos na vida cotidiana dos alunos.

Desta maneira, o papel que a escola representa na vida dos alunos vai além do processo ensino aprendizagem, mas representa um dos principais referenciais que esses indivíduos terão como base durante suas formações como cidadãos. Segundo Berger e Luckmann (1993), a socialização primária e a socialização secundária possuem basicamente as mesmas tarefas em tempos distintos, porém ao passo que uma deixa de ser cumprida, a outra passa a efetivar dois papéis, ou seja, no momento que a família deixa de cumprir seu papel na vida dos filhos, acaba ficando ao encargo da escola exercê-lo.

A família é a responsável pela socialização primária das crianças, grupo essencial em sua formação e, conseqüentemente, com o convívio com os demais indivíduos, porém atualmente é evidente o distanciamento de algumas famílias de seus filhos, as quais são impulsionadas pelo força do capital a trabalharem cada vez mais, criando mão de obra, sendo obrigadas a deixar seus filhos para trabalhar, perdendo a maior parte da infância dos mesmos, momentos os quais a socialização primária se efetiva, portanto ficando a cargo de terceiros ou da escola a construção dos valores. Como cita Neves (2017) a socialização inicial constitui grande importância na formação dos indivíduos, porém nas sociedades contemporâneas, nota-se a redução dessa socialização a favor da lógica produtivista, que vê o ser humano como ferramenta do processo de produção de mercadorias.

O ser humano é movido por ações que fazem parte de sua cultura, na maioria das vezes cometidas pelas emoções (MATURANA, 1993), para tanto os diálogos e relações que se estabelecem entre os mesmos são influenciados por suas vivências, tornando-se pertinente afirmar que os indivíduos agem de acordo com seu meio cultural, e não poderia ser diferente, já que vivemos reproduzindo o que aprendemos.

Para tanto é na escola que apresentamos comportamentos e trocamos saberes com outros sujeitos, que assim como nós são dotados de bagagem cultural, o resultado não poderia ser outro, uma imensa diversidade social e cultural. Tornando a escola um interessante campo de pesquisa, como afirma Tura (2003), o ambiente escolar com sua multiplicidade despertou nos pesquisadores interesse em analisar a ação educativa do ensinar e aprender.

A escola passa a ser vista como um território a ser estudado, com importantes descobertas a serem feitas a partir de práticas rotineiras, as quais podem acrescentar muito ao processo de ensino e aprendizagem dos educandos, assim como a prática dos próprios docentes.

A vida cotidiana tem sido pesquisada não apenas como estudo epistemológico de práticas e saberes, mas principalmente como produção de conhecimentos em geral. (OLIVEIRA, 2008)

Considerar o dia a dia das escolas como campo de pesquisa demanda um desafio que deve ser pensado para além da observação, mas sim para contribuir com o desenvolvimento dos seres humanos em seus vários aspectos. Pois para que os indivíduos socializem e sejam envolvidos nos processos que permeiam o aprender, é necessário pensar na complexidade existente no ambiente escolar.

Diante disso, a família, a escola e as multiplicidades que se revelam no ambiente escolar através do cotidiano, representam um conjunto de fatores que juntos auxiliam a compreensão de tantas surpresas no desenrolar dos processos educativos.

Segundo Maturana (1993), a cultura de cada indivíduo revela seu comportamento nos diversos ambientes sociais, os quais suas ações são conduzidas pelo emocional cultural, ou seja, influenciadas pela cultura da qual fazem parte.

A família deve ser a base para a educação dos filhos e a escola o ambiente de troca de saberes entre professor e aluno e aluno-aluno, no entanto para que a

aprendizagem aconteça é necessária uma relação respeitosa entre ambas, considerando que o comportamento do aluno na escola pode refletir sua relação familiar.

Portanto, transitar entre o ambiente escolar e a família, conhecendo as realidades existentes, é um caminho a ser percorrido para que a pesquisa na escola tenha uma visão ampla dos sujeitos nela envolvidos.

Diante da inquietude de pesquisadores, a partir de reflexões sobre o campo do cotidiano, o mesmo se desenvolveu e cresceu, de maneira a sanar dúvidas e incômodos acerca das fraquezas e dificuldades que permeiam tal contexto. (OLIVEIRA, 2008).

É inegável refletir sobre os fracassos e sucessos que se apresentam diariamente no campo escolar, os professores enfrentam inúmeras alegrias e frustrações continuamente quando suas metodologias e arranjos são insuficientes para dar conta das particularidades existentes entre os alunos, por essa razão a pesquisa na escola faz-se necessária, no intuito de colaborar com profissionais nas diversas áreas do desenvolvimento humano.

Para Geraldi (2006) pesquisar o cotidiano escolar é dar voz e legitimidade a um conjunto de histórias que fazem parte tanto da vida dos alunos quanto a do professor, trazendo a tona questões que mostram a complexidade do dia a dia escolar. Questões que para alguns parecem simples, mas para o professor que está presente diariamente em sala de aula são de total importância, pois dão conta de explicar a maioria dos comportamentos apresentados pelos alunos em sala de aula.

A escola, assim como a família, são espaços de desenvolvimento humano, para tanto devem oferecer momentos que possibilitem a criança socializar-se, construir saberes e adquirir autonomia. No ambiente familiar os filhos são bastante protegidos e quando os mesmos chegam a escola, a tendência é serem mais livres para tomarem decisões, o que torna a escola um ambiente de novas experiências.

A principal divergência entre a socialização primária e a socialização secundária é a mudança radical de significados, que antes na socialização primária é carregado pela emoção, enquanto que na socialização secundária os significados são outros, como conhecimentos científicos, razão, regras, dotados de relações formais, diferentemente das relações vividas na socialização primária, regadas de emoção, simbolizando um mundo diferente do contexto escolar.

Conforme Berger e Luckmann (1985, p. 188)

Enquanto a socialização primária não pode ser realizada sem a identificação, carregada de emoção, da criança com seus outros significativos, a maior parte da socialização secundária pode dispensar este tipo de identificação mútua incluída em qualquer comunicação entre seres vivos.

A socialização secundária, que representa os espaços de vivências após o grupo parental, como escola, comunidade, etc. tende a usar da racionalidade, partindo de regras e parâmetros formais, que na maioria das vezes são encarados com estranheza pelos atores sociais que dela passam a fazer parte, porém se os novos conhecimentos e regras forem apresentados de forma natural, partindo de ações que envolvam o coletivo, despertando sensação de alegria e descobertas passam a ser significados ligados ao emocional, tornando a socialização secundária parte de nossa cultura, pois segundo Maturana (1993) são as emoções que movem o seres humanos.

É na escola que geralmente podemos identificar esses conflitos, uma vez que a criança se depara com uma nova realidade, diferente da vivida no ambiente familiar, onde os hábitos e regras são diferentes e culturais, na escola a cultura apresenta grande diversidade enquanto que na família a tendência é seguir uma linha cultural. A dificuldade se dá exatamente quando são impostos a criança novos significados, pois para elas a única verdade é a apresentada pelos pais, sendo uma árdua tarefa competir com figuras significativas relacionadas com as emoções.

Para tanto, pensar o cotidiano escolar é necessário sair da escola e ir até a família uma vez que a criança apresenta na mesma reflexos de sua cultura, aprendizados e saberes carregados de emoção, os quais são totalmente relevantes para se entender o processo do aprender. Porém, se para pensar no cotidiano a família é um suporte, fica claro que o ambiente escolar é uma extensão da família para a criança, onde ela deposita confiança e expectativas, por isso a pesquisa na escola torna-se essencial devido a pressa em ressignificar esse ambiente tão conhecido por professores, mas que na maioria das vezes passa despercebido.

Ao investigar o cotidiano há quem se fascine, se intrigue ou tenha medo, quando se depara com os mistérios que no primeiro momento pareciam escondidos. (GARCIA, 2003).

A escola é feita de imaginação, construção, coletividade e mais dúvidas do que certezas, as quais a tornam um lugar completamente fascinante.

3.METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na comunidade da Escola Agrícola de Rosário do Sul, localizada no 1º Distrito -Divisa, situada no município de Rosário do Sul- RS, sendo o público alvo pertencente à comunidade escolar, incluindo alunos e suas respectivas famílias, que foram ponto chave na pesquisa, a qual contribuiu para análise dos efeitos do acompanhamento escolar junto a família sobre o cotidiano escolar.

A revisão bibliográfica foi o primeiro passo da pesquisa, dialogando entre os autores acerca do cotidiano escolar e suas multiplicidades relacionadas ao aprender e ensinar, características particulares de cada indivíduo ao socializar-se com os demais. Logo após, foi realizada a observação da turma onze. Frente ao objetivo central dessa pesquisa que é analisar os efeitos do acompanhamento escolar junto às famílias sobre o cotidiano escolar. A turma onze foi escolhida pois como pesquisadora e regente da mesma, teria maior acesso e entrosamento com o grupo investigado, assim como com suas famílias, o qual foi o próximo passo da pesquisa, ação foi desenvolvida em forma de visitas a quatro famílias com o intuito de dialogar sobre o papel da escola na vida dos alunos, conhecer as expectativas e anseios das mesmas em relação à escola e repensar minha prática empírica, através de entrevistas semi-estruturadas e questionário conforme apêndice 1, que me possibilitaram entendimentos a respeito da perspectiva das famílias sobre o cotidiano escolar.

Durante as três visitas semanais as famílias, as quais cada família recebeu uma visita por semana, os dados foram coletados e analisadas as possíveis mudanças observadas, que serviram como suporte para o pensar dos resultados finais e a construção da conclusão, a qual tem papel de trazer não respostas prontas como é o esperado por muitos, mas sim revelar o que foi realmente vivenciado, pois todos resultados contribuem com a pesquisa.

A pesquisa-ação segundo Sousa e Oliveira (2018) permite aos sujeitos de investigação tornarem-se ativos e atuantes não apenas na produção de conhecimento científico, mas sim na construção de práticas como co-protagonistas e não meros informantes, a pesquisa-ação está longe de ser um método novo, pois já vem sendo utilizada há décadas, desde quando se pensou em uma maneira

diferente de entender a pesquisa, fugindo de um formato meramente tradicional-acadêmico, propondo uma abordagem voltada para prática empírica, possibilitando um olhar por parte dos pesquisadores para suas vivências, contudo levando em consideração os conhecimentos acadêmicos.

De acordo com Tripp (2005), a pesquisa-ação é uma maneira de investigação que usa técnicas de pesquisa conceituadas para revelar uma ação sobre a prática, que ao mesmo tempo altera o objeto estudado é limitada pelo contexto e pela ética da prática. Ou seja, o pesquisador ao analisar seu campo de estudo tem a possibilidade de através de sua ação promover a transformação, no entanto não pode fugir ao contexto inserido.

Diante da necessidade de pesquisas que explorem o cotidiano e apontem questões concretas, vem crescendo o número de pesquisadores que se interessam em buscar em suas próprias práticas embasamentos para discutir educação, uma pesquisa que se refere ao desenvolvimento de uma ciência que valoriza o conhecimento científico e popular do pesquisador, tornando-o não apenas um sujeito da investigação, mas que possua um papel mediador entre os outros agentes da pesquisa. (SOUZA E OLIVEIRA, 2018).

A pesquisa-ação no âmbito do cotidiano escolar, caminha-se no sentido de auxiliar estudantes a conhecer realidades por vezes desconhecidas, bem como também a obter um olhar detalhado de vivências que fazem parte de seus cotidianos. Segundo Sousa e Oliveira (2018), esse tipo de pesquisa tem como elemento principal a transformação da realidade investigada e dos sujeitos pesquisados.

Segundo Sousa e Oliveira (2018) uma das características da pesquisa-ação é o acompanhamento dos cotidianos, de forma que se amplia também a autonomia do agir do pesquisador, sendo o mesmo autor do seu planejamento. Desta forma, através da pesquisa-ação ele tem condições de conduzir sua pesquisa de acordo com suas intencionalidades e conhecimentos.

Conforme Tripp (2005), os conhecimentos produzidos sobre as práticas a partir da pesquisa-ação deveriam fazer parte dos conteúdos acadêmicos, entretanto somente uma parte desses conhecimentos são usados como fonte de pesquisa, mais um aspecto importante para reafirmar o uso da mesma, pois são as práticas aliadas aos conhecimentos científicos que possibilitam um maior entendimento sobre os saberes e conhecimentos que rodeiam nosso cotidiano.

A análise dos dados foi realizada através da descrição densa, que possibilita ao pesquisador o avançar de uma simples descrição dos fatos observados, pois parte do pressuposto que os acontecimentos do cotidiano inter-relacionam-se com aspectos que fazem parte das tradições e costumes vividos pelo grupo estudado (TURA, 2003). Através da descrição densa o pesquisador necessita interpretar os acontecimentos para conseguir entender sobre o contexto investigado, assim como sobre os sujeitos envolvidos. Segundo Tura (2003) “a descrição densa é o esforço de articulação entre fatos, e o envolvimento na lógica de sua organização, o decifrar dos aspectos obscuros, o buscar pistas para desvendar certos mistérios.” (pág.190)

É a partir de estudos e pesquisas acerca de vivências e saberes com uma observação e descrição atenta aos comportamentos e significados que consigam dar conta de transmití-los, que teremos a oportunidade de contribuir realmente com desenvolvimento dos indivíduos em geral.

A partir dos estudos realizados a cerca da pesquisa-ação, foi construído um caminho metodológico para o desenvolvimento da pesquisa.

3.1. Itinerários de pesquisa

1º Momento: Observação da turma

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir da observação da turma onze da Escola Agrícola, uma turma multisseriada de 1º ano, jardim A e B, da qual sou professora regente. A mesma foi escolhida para facilitar o contato da pesquisadora com os alunos e as famílias as quais foram objeto de estudo.

A turma é composta por onze crianças, sendo três de jardim A, um jardim B e sete de primeiro ano. Crianças com idade entre quatro e seis anos, as quais apresentam heterogeneidade, estando cada uma em diferentes estágios de aprendizagem. Fato que enriquece o processo do aprender, pois possibilita a troca entre alunos e professora, a qual tem o papel de mediar tal processo.

Durante as primeiras semanas de aula é normal que as crianças sintam-se inseguras ao chegar a escola, sendo a mesmo um ambiente desconhecido, que causa sensação de medo e abandono por parte pais, principalmente para os menores, que frequentam a escola pela primeira vez. Segundo Maturana (1993), o

convívio com a família é regado de emoções e significados, por isso é difícil para a criança ficar na escola, um ambiente dotado de relações formais. A escola é a segunda socialização da criança, logo é um ambiente diferente do familiar, mas cabe ao professor criar mecanismos para que a criança sinta-se bem acolhida no espaço escolar, evidenciando laços de afetividade entre os colegas e inserindo os combinados e regras vagarosamente para que a mudança não seja brusca.

As primeiras semanas de aula não foram diferentes, o choro, os gritos, a insegurança, estiveram presentes, assim como a alegria e o encantamento pelo novo mundo foram marcantes para a maioria que transformam a escola em um ambiente mágico e acolhedor, um mundo cercado de descobertas e aventuras que somente existem ali.

Passados os primeiros momentos bastante agitados, mas ainda durante a sondagem (momento em que a turma revê conteúdos do ano anterior, ou, no caso, se adapta ao ambiente escolar), foi hora da turma começar a trabalhar com o coletivo, reconhecer o próprio nome e o dos colegas, falar sobre a família, criar regras e combinados, enfim formar uma rotina que contribuísse com o aprender e valorizasse a socialização entre os alunos, fazendo com que todos se sentissem incluídos e importantes, cada um com suas diferenças, dificuldades e facilidades.

Ao decorrer dos dias pude perceber que aos poucos os alunos foram se adaptando aos colegas, a escola e comigo, tarefa que julgo não ser fácil, pois é necessário confiança por parte da criança para que se sinta segura ao lado de um adulto estranho. Com muita paciência fui conquistando a confiança e o carinho deles. E até mesmo a aluna que chamarei de E, de quatro anos, bastante apegada com a mãe, a qual se propõe a ficar na escola todas as manhãs para que a filha permaneça na escola, pois ao contrário a criança não ficaria, começou aos poucos a se desapegar da mãe e criar vínculos na sala de aula, fundamentais para seu desenvolvimento.

O convívio dos alunos durante os primeiros momentos foram de construção, devido ao fato de que alguns frequentavam a escola pela primeira vez, enquanto que outros estavam acostumados com outros colegas que passaram para o segundo ano, todos tiveram que se adaptar com a nova situação proposta. Chamei atenção dos maiores para o fato dos demais necessitarem de ajuda, e que eu sendo somente uma para atendê-los precisava do apoio deles. Esta estratégia funcionou, pois os mesmos sentiram-se responsáveis e experientes frente aos menores, já os

menores demonstraram certa resistência, solicitando minha presença a todo momento. Outro aspecto delicado é o fato de uma das turmas ser de educação infantil, o que acaba por dificultar, pois enquanto que os alunos do jardim necessitam de mais atividades no pátio para o desenvolvimento da motricidade ampla, os alunos do primeiro ano demandam atividades envolvendo a motricidade fina, que contribuem com o processo da leitura e escrita. Embora todas as atividades trabalhadas sejam importantes para as distintas turmas, os alunos do primeiro ano ao verem os colegas do jardim realizando tarefas diferentes das suas, acabam na maioria das vezes por perderem o interesse nas suas, o que é totalmente compreensível pois estamos tratando com crianças. Possivelmente alguém pode ser prejudicado, se eu não conseguir achar um meio termo, o qual contemple as duas turmas.

Quanto à aprendizagem, os alunos do jardim A e B, em sua maioria, apresentaram interesse pelo aprender, curiosidade e criatividade ao realizarem os trabalhos, porém ainda não tem domínio da coordenação motora, o que requer trabalhos diferenciados com a turma envolvendo motricidade fina e ampla.

Os alunos de primeiro ano mostraram-se com mais afinidades com a escrita, maior entrosamento entre os mesmos, interesse em participar das atividades propostas, facilidade em expressar-se oralmente, talvez pelo fato de já terem freqüentado a escola no ano anterior.

Entre os alunos do primeiro ano, um a quem chamarei de T despertou minha atenção pelo fato da mãe permanecer na escola para acompanhá-lo, porém ele adora estudar e fica tranquilo com os colegas na sala, quando questionado porque a mãe ficava, respondeu que precisava cuidá-lo, fui até a mãe e disse que ela poderia ficar tranquila em ir para casa, mas ela respondeu que precisa protegê-lo no recreio e que ainda não se sentia segura, mas ele deixou bem claro que a mesma pode ficar em casa, a partir da fala da mãe pude perceber que o menino estava pronto para enfrentar o momento, mas a mãe não, estava passando insegurança quando não o deixou vivenciar a experiência de ir sozinho para a escola e adquirir autonomia. Evidenciando que a família faz parte do processo de aprendizagem dos filhos, portanto que os valores agregados pela mesma são carregados pelas crianças durante suas trajetórias, no convívio com outros atores sociais, porém por mais que

pais tenham experiências e medos em relação ao desenvolvimento dos filhos, precisam deixá-los ter suas próprias experiências e se descobrir na sociedade.

Os alunos que integram a turma estão em pleno desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, esta heterogeneidade mostra as diferentes formas de aprender e o quanto é importante respeitar o tempo que cada indivíduo necessita para aprender, exaltando as diferenças não como uma forma de exclusão, mas como uma maneira de incluir a todos no processo de ensino e aprendizagem.

2º Momento: Visitas as Famílias

A ação desenvolvida durante a pesquisa foi realizada em forma de visitas a quatro famílias da turma onze da escola Agrícola de Rosário do Sul, as quais foram escolhidas pela proximidade entre ambas e a escola, assim como pela facilidade de acesso.

O primeiro contato com as famílias foi na escola durante reunião referente ao início do ano letivo, na qual aproveitei para explicar a pesquisa e também para pedir permissão para visitá-los, apresentei o termo de confidencialidade, levantei questões referentes à pesquisa, relatando a importância da mesma para o processo de ensino aprendizagem dos alunos. Alguns responsáveis foram relutantes a ideia, outros apontaram algumas desculpas, ficando claro o desconforto frente às visitas. Acredito que o desconforto gerado, principalmente pelo fato uma estranha participar da rotina da família, mesmo que por pouco tempo, remeteu a ideia de julgamento, talvez ficariam sem jeito ao responder aos questionamento sobre a escola. Como uma ação que deveria ser comum por parte da escola pode gerar tamanha estranheza? Talvez pela falta de oportunidades desse tipo de práticas, as quais família e escola possam interagir em prol do aprender dos alunos. Contudo, felizmente alguns dos responsáveis não somente aceitaram participar da pesquisa como gostaram da ideia da professora conhecer a realidade dos alunos.

As visitas aconteceram uma vez por semana durante três semanas consecutivas, sendo que quatro famílias foram visitadas nesses dias, no início pensei em como fazer para me deslocar até as residências, porém tive a ideia de ir de ônibus juntamente com os alunos no término das aulas e ficar durante a tarde para realizar as visitas, ao questionar os responsáveis se teria problema chegar ao

meio dia em suas residências, responderam que não. Então, nesta etapa da pesquisa, fui super bem recebida e acolhida na residência a qual tive o prazer de almoçar durante os dias de visitação, foi um momento de troca, aprendi bastante sobre eles, assim como nas demais, trataram-me com educação, afeto, curiosidade, carinho e respeito. Ficou evidente o quanto as famílias depositam esperança de um futuro melhor para os filhos na escola.

Anterior as questões centrais da pesquisa, as conversas foram muito válidas, pois serviram para reforçar nossos laços de afetividade e confiança, o que é de extrema relevância para a pesquisa e o processo de aprendizagem dos alunos, como cita Tura (2003), o pesquisador precisa ganhar a confiança dos agentes ativos do campo estudado, para que a transformação aconteça, durante as observações consegui de fato perceber aspectos relevantes do ambiente pesquisado.

As questões que nortearam os diálogos foram sobre como a família percebe o papel da escola, como pensam seu próprio papel frente à escola, se existe a presença das mesmas na escola, o que as crianças gostam ou desgostam na escola, do que costumam brincar, o que acharam do acompanhamento da escola na família e, conseqüentemente, nas demais visitas, os possíveis efeitos no comportamento das crianças em decorrência das visitas.

Frente aos questionamentos, as famílias relataram a importância da escola na vida dos filhos, o quanto gostariam que a escola adaptasse algumas melhorias de infraestrutura e segurança para melhor atender aos alunos, como reformar a pracinha para que fique mais segura, assim como cercá-la, deixando reservada apenas para os alunos menores, um monitor no ônibus com o intuito de garantir a segurança das crianças no transporte. A relação entre família e escola possui papel fundamental para que o ensino de fato aconteça, porém a presença dos responsáveis na escola ainda é mínima, as famílias investigadas acreditam ser necessário um chamamento por parte da direção para trazer as demais famílias para a escola e assim incentivar os alunos a valorizar esse espaço.

Segundo o diálogo, as crianças de modo geral gostam da escola e ao chegarem em casa relatam fatos marcantes, o que aprenderam de novo, a hora do recreio, a merenda, enfim, pontos positivos e, às vezes, negativos, que envolvem o cotidiano escolar. Os alunos do jardim que começaram a frequentar esse ano a escola, as famílias notaram grande mudança no comportamento, estão mais curiosos, espertos, falantes, desinibidos, prestativos, compreendendo o mundo ao

qual pertencem, porém alguns apresentaram grande apego, principalmente as mães, fato que leva as mesmas a permanecerem na escola para acompanhá-los. É normal que algumas crianças ao frequentarem a escola sintam-se perdidas e com sensação de abandono, por passarem muito tempo sob a proteção dos pais, no entanto pais e professores devem refletir sobre o quanto é necessário para a criança buscarem independência, por menor que seja, autonomia e criar laços com os atores da escola.

A principal dificuldade apontada foi a acessibilidade, pois alguns alunos caminham grandes trechos para chegar a parada, a qual não possui nenhuma proteção contra as intempéries. Outra dificuldade apontada é o fato de acordarem cedo, o que para as crianças pequenas é um desafio.

Todas as famílias afirmaram acompanhar os estudos dos filhos em casa, questionando, revisando os cadernos e ajudando com as lições sempre que necessário.

Ao serem questionados sobre o brincar dos filhos, diversas atividades foram apontadas, como jogar bola, desenhar, brincar com animais e com irmãos, andar a cavalo e de bicicleta, assistir desenhos, jogar no celular, entre outras.

Quanto ao acompanhamento da escola na família todos relataram estar muito contentes, pois foi a primeira vez que viram uma professora se interessar pelos alunos, ir até suas casas, salientaram ser de extrema importância o fato da professora conhecer o cotidiano dos alunos em casa. Uma interação entre escola e família.

Em relação ao comportamento das crianças, após o início das visitas, não foram notadas grandes mudanças, porém as famílias salientaram que as crianças sentiram-se felizes e importantes com as visitas, em consequência das mesmas notarem que os laços professor/aluno fortaleceram-se, pois as crianças passaram a relatar mais fatos sobre a escola e o convívio com a professora. Segundo uma das mães, a filha afirmou que “agora somos amigas porque ela veio aqui em casa” e que também se sentiu mais segura na escola após as visitas.

Os acompanhamentos também serviram para aprimorar a percepção das famílias em relação à escola e seu papel frente a comunidade, o quanto é importante para os alunos e salientaram que gostariam que o acompanhamento durasse até o fim do ano letivo, mostrando-se abertos e dispostos a colaborar com o desenvolvimento dos filhos.

As famílias ao serem visitadas criaram expectativas sobre os resultados, portanto quando questionadas a respeito das mudanças notadas após as visitas, relataram não haverem notáveis resultados, pois esperavam melhoras no aprendizado, remetendo que aprendizagem refere-se apenas a leitura e escrita, sem levar em consideração o desenvolvimento da criança.

A referida pesquisa, que teve início com a revisão bibliográfica acerca do tema estudado, a observação da turma e na sequência as visitas às famílias, resultaram em mais que uma mera descrição dos fatos, mas sim resgataram evidências do cotidiano que se relacionam com o comportamentos e os significados relevantes no processo de desenvolvimento dos alunos. Segundo Carvalho (2003), as relações que se estabelecem entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa, assim como elementos que emergem no contexto institucional, enriquecem a análise com reflexões que dizem muito sobre vivências em contextos de pesquisas.

Diante dos dados coletados durante a realização da pesquisa e da observação do cotidiano escolar identifiquei mudanças aparentes ligadas diretamente a aprendizagem dos alunos, no que diz respeito à socialização em sala, relação professor/aluno. A partir das visitas os alunos sentiram-se mais seguros a meu lado, pois passei a ser vista como uma amiga, pessoa de confiança, também sentiram-se importantes pelo fato da professora ir até suas casas, conhecer seus cotidianos, uma atividade diferente do habitual, pois o tradicional é a professora estar na escola e não na casa dos alunos, interessando-se por seus hábitos, gostos e opiniões. Para compreender a realidade dos alunos, o professor necessita se tornar pesquisador de tais realidades, e de suas próprias práticas, ao contrário corre o risco de trabalhar com questões abstratas. (AZEVEDO, 2003).

Uma experiência única que me proporcionou para além de visitas e diálogos, mas sim trocas e entendimentos que fortalecem o saber sobre as práticas empíricas, somos parte de nossa cultura e carregamos significados do meio em que vivemos.

Segundo Berger e Luckmann (1993), as diferentes culturas vivem, movem-se e agem de diferentes maneiras, guiadas por simbologias em seu emocional e influenciam os indivíduos no modo de viver.

Vários comentários surgiram durante as aulas a respeito das visitas, fato que despertou curiosidade nos demais alunos da turma, expliquei que devido ao tempo tive que realizar as visitas apenas em algumas famílias que residem próximo a escola, mas que em um outro momento iria visitar as demais, notei a satisfação no

olhar de todos e percebi que necessito realizar essas visitas para que todos sintam-se parte desse processo. Os mesmos me perguntam todos os dias, quando irei visitá-los também e ressaltam que suas mães estão me aguardando, assim como eles para conhecermos suas casas, animais de estimação e provar de delícias que irão preparar, percebo através das falas a importância de todos receberem a mesma atenção para sentirem-se valorizados.

Ficou nítido que o ideal seria ter acompanhado todas as famílias, pelo menos um semestre inteiro, para que todas as áreas da aprendizagem fossem contempladas, porém devido ao curto espaço de tempo não foi possível, pretendo dar continuidade as visitas, para conhecer outras realidades que fazem parte de minha prática como educadora, mas principalmente pelas experiências e trocas que terei como ser humano ao visitar essas famílias. De acordo com Azevedo (2003) os momentos de troca entre sujeitos propõem a transformação da construção de experiências e saberes.

Quando estive nas casas e observei a rede de interações que se forma a partir da realidade vivida, o meio e a troca de experiências entre famílias que vivem próximas, constatei que realmente é difícil haver aprendizagem sem que o professor conheça o contexto o qual seus alunos pertencem, como vivem, o que pensam suas famílias para então planejar as estratégias de trabalho de maneira que sejam desenvolvidas de acordo com a realidade dos mesmos.

Ao realizar a ação a partir da observação da turma onze vivenciei mais que um simples estudo sobre um determinado grupo, mas conheci desde o trajeto dos alunos da parada do ônibus até suas casas, o que não é nada fácil, pois alguns tem de percorrer um longo trecho até seus núcleos familiares, suas histórias de vida, que muito me marcaram, pois agora quando olhar para aqueles indivíduos vou recordar e pensar o quanto depositam na escola e em minhas ações como professora expectativas de dias melhores para seus filhos. Também tive a oportunidade de (re) pensar minha trajetória pois assim como os alunos, sou parte do meu objeto de pesquisa, pois ao observar e analisar o cotidiano através da turma a qual sou regente, faço a análise de minhas práticas, e percebo que algumas coisas que julgava importante agora passam a ser secundárias. Uma das possíveis modificações são as entrevistas aos pais no início do ano letivo, pretendo conhecê-los a partir de visitas aos familiares, para ter a oportunidade de conhecer também o contexto familiar e assim trabalhar os conteúdos relacionados ao saberes do aluno.

Acredito na importância de reavaliar a caminhada para rever nossas estratégias no sentido não de mudá-los totalmente mas transformá-los em aliados no ensinar.

Embora em pouco tempo o acompanhamento teve uma relevante importância, pois foi um mecanismo que permitiu o conhecimento social dos envolvidos, assim como a relação de amizade que se estabeleceu entre as famílias e eu, mais o principal aspecto me possibilitou conhecer um pouco mais sobre o cotidiano da escola a qual atuo, embora trabalhe na mesma há tempo, diante da pesquisa pude vê-la de forma diferente, enxergar elementos que antes pareciam rotineiros, mas que contribuíram para a análise. Objetivo que tinha em mente desde os primeiros semestres do curso, talvez com uma outra perspectiva, mas que consegui realizar, com a intenção de colaborar com a aprendizagem dos alunos, o trabalho dos colegas que, assim como eu, buscam respostas diariamente para melhorar sua práxis e contribuir com a comunidade escolar.

3º Momento: Acompanhamento da turma (cotidiano escolar)

Ao desenvolver a pesquisa fui atraída para o contexto escolar, o qual faz parte de minha práxis há algum tempo, mas que a cada dia se mostra diferente com novos desafios e alegrias que constituem o cotidiano escolar.

Após as visitas nas famílias a turma recebeu um novo olhar, pois o objetivo da pesquisa era realizar uma análise dos efeitos do acompanhamento escolar junto às famílias no cotidiano escolar, portanto verificar se o acompanhamento resultou em mudanças dentro da escola.

Como já citado anteriormente, acredito que seria necessário mais tempo para desenvolver a pesquisa de forma que envolve a todos diretamente, todavia percebi avanços consideráveis na turma, embora que nem todos participaram do acompanhamento familiar, mesmo aqueles que não recebiam as visitas questionaram o porquê, pediram para ser visitados, o fato é que a ação desenvolvida gerou debates, estreitou laços uniu a turma e fortificou minha relação com os alunos.

Anterior ao início da pesquisa alguns alunos estavam inseguros em relação à escola, pois tudo era novo, estavam pela 1º vez na mesma, algumas mães permaneciam no corredor, porém após o acompanhamento percebo a turma com maturidade suficiente para se organizar para fila, por exemplo, sem minha

interferência, uns ajudam aos outros, as mães continuam na escola, mas agora no pátio, a construção do aprender requer tempo e coletividade, embora deva ser respeitado o tempo que cada indivíduo necessita para se desenvolver, mesmo havendo o trabalho coletivo, cada indivíduo é único e possui suas particularidades. Segundo Geraldi (2006) as pesquisas de campo expressam as peculiaridades do cotidiano escolar, revelam dados que ao serem analisados podem contribuir para o avanço das reflexões sobre o tema.

Os alunos que ainda não viam a escola como um ambiente seguro, começaram a entender que poderiam confiar nos elementos que a compõem e passaram a participar das atividades desenvolvidas com alegria, o que foi bastante gratificante depois de tanto tempo tentando conquistá-los.

Durante uma conversa entre um aluno do primeiro ano e outro do terceiro no recreio, pude escutar quando meu aluno foi questionado pelo outro sobre as visitas as famílias, ele relatou que eram realizadas para que pudéssemos nos conhecer melhor, a professora conhecer minha casa e família e ainda ressaltou que gostaria de permanecer na escola, pois na cidade as professoras não visitavam os alunos, na fala pude perceber que mesmo ele não sabendo ao certo o objetivo das visitas, para ele tiveram significado positivo, o que a pesquisa válida e relevante para os envolvidos.

Com o passar do tempo, a turma adquiriu maturidade e os alunos passaram a entender a diferença entre as turmas de jardim e primeiro ano, que mesmo dividindo a sala, cada turma possui objetivos distintos, o que ajudou o desenvolvimento da aula, a qual é planejada com momentos de coletividade entre as turmas e momentos individuais com as mesmas, não posso afirmar que tais comportamentos e entendimentos se deram somente em decorrência da pesquisa, pois a experiência escolar proporciona tais avanços a longo prazo, mas certamente a pesquisa contribuiu com o crescimento da maturidade e compreensão dos alunos, pelo fato de ter representado novas vivências para os mesmos.

A turma é constituída por indivíduos fascinantes que retratam um pouco de suas vivências, cultura e emoções, apresentam diferentes características, peculiaridades e necessitam de um olhar sensível e atento para se desenvolverem. Assim é o cotidiano escolar, recheado de descobertas e incertezas que a cada dia renovam-se tornando-o um ambiente de mistérios e aprendizados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente à pesquisa desenvolvida no cotidiano escolar da escola Agrícola de Rosário do Sul, que partiu de revisão bibliográfica envolvendo o tema estudado para observação da turma onze, e posterior visitas a algumas famílias, que autorizaram e assinaram o termo de confidencialidade, a pesquisa proporcionou vivências e trocas entre os atores envolvidos. Com objetivo de analisar os efeitos do acompanhamento escolar junto a família sobre o cotidiano escolar, percebi o quanto uma pesquisa acerca do cotidiano escolar pode contribuir para aquisição de conhecimentos sobre a prática docente, assim como sobre os vários processos que se estabelecem na construção dos alunos.

Durante as visitas conheci a realidade de algumas famílias e pude entender o quanto a escola é importante para essas crianças, assim como para seus responsáveis, que depositam na mesma esperanças de dias melhores para seus filhos. Pretendo continuar com as visitas e reforçar o vínculo com as famílias, pois compreendi o quanto é enriquecedor para os professores conhecer e vivenciar a realidade dos alunos e conseguir realizar um trabalho que seja significativo para comunidade escolar. O cotidiano escolar é repleto de transformações e acontecimentos que merecem um olhar cauteloso para dar conta de compreendê-lo e, pensando nisso, acredito que meus estudos sobre o assunto devem ter continuidade, tomando por base a atual pesquisa.

Diante da investigação desenvolvida, me propus a pensar em uma questão bastante influente na aprendizagem, o cotidiano escolar, porém partindo da análise do meu acompanhamento em algumas famílias para verificar os possíveis efeitos na aprendizagem no ambiente escolar. Bem, ao realizar essa investigação sinto-me a vontade para afirmar que tal ação é realmente válida e seria importante que a escola conseguisse realizá-la de alguma maneira, fosse no início do ano letivo, ou com alguma representação da equipe diretiva, tendo em vista que a maioria dos professores possuem carga horária completa, fosse com encontros mensais ou bimestrais com as famílias, mas não somente para tratar das notas, sim assuntos relacionados ao território a qual fazem parte, das expectativas frente à escola, enfim, questões que pudessem auxiliar na aprendizagem dos alunos e melhorar a relação família/escola. Com o propósito de proporcionar aos envolvidos um encontro com a realidade dos alunos, partindo de suas vivências e cultura.

A escola não possui suporte para realizar atividades extraclasse, tendo em vista que faltam professores e até mesmo merenda, que é essencial para o funcionamento da mesma, seria necessário um entendimento por parte dos responsáveis pelo sistema educacional, de que algumas horas de ações como essas de pesquisas com as famílias poderiam fazer parte do currículo, assim como as horas em sala de aula. Porém, pensando que ações isoladas, podem não atingir os objetivos esperados, creio que planejar ações que não tenham continuidade pode vir a frustrar os atores sociais envolvidos, pois ao dar início a um trabalho como esse criam-se expectativas que de repente acabam por ficar sem retorno. O ideal seria, como já citado, dar continuidade as pesquisas, com propósito de criar vínculos capazes de fortalecerem as relações estabelecidas entre pesquisadores e grupos pesquisados.

Ao decorrer da pesquisa constatei que necessitaria de pelo menos um semestre inteiro para realizar a coleta de dados, visitar todas as famílias envolvidas, o que não foi possível devido ao pouco tempo disponível, mas que mesmo visitando algumas famílias os resultados foram positivos, principalmente no que se refere à relação professor/aluno, fato que favoreceu o desenvolvimento das aulas, a socialização e a segurança por parte dos alunos em estarem na escola.

Pensando no processo de pesquisa diante do cotidiano escolar, como já citado, sinto-me satisfeita em tê-lo realizado, pois trabalhei com minha realidade, tive a oportunidade de aproximar-me dos alunos e suas famílias, de tal forma que se criaram vínculos de amizade, acredito que farei uso dessa prática no decorrer da docência, sei que nem sempre será fácil, mas pelo avanços apresentados em aula, todo esforço é válido. Percebo que para haverem mudanças no âmbito escolar, o primeiro passo deve ser a vontade dos envolvidos para que aconteçam, pois pequenas ações podem ser tomadas diariamente no cotidiano escolar, o que não podemos é esperar iniciativa de quem está fora da escola e não tem interesse em melhorar o ensino público.

Foi extremamente gratificante desenvolver a presente pesquisa, pois me proporcionou para além de visitas e diálogos, mas permitiu trocas e experiências.

Precisamos acreditar que a escola é o ambiente que constrói a liberdade através do conhecimento, para tanto espero que a mudança comece no comportamento de cada professor, no contexto a qual faz parte, pensando e

idealizando uma escola que valorize a criatividade e a reflexão. Enfim que a mudança comece na Escola Agrícola de Rosário do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilva. **Cultura e cotidiano escolar**- Revista brasileira de educação, Maio/Jun/Jul/Ago 2003, N-º23.
- AZEVEDO, Joanir Gomes. **Fazer com paixão sem a razão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BERGER, Peter L, LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento** (por) Peter L. Berger (e) Thomas Luckmann: tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1985. 248p. 21cm (Antropologia, 5). Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/97823106/BERGER-LUCKMANN-A-construcao-social-da-realidade-tratado-sobre-a-sociologia-do-conhecimento>
- CECCARELLI, Paulo Roberto. **Novas configurações Familiares- Normalidades e Ficção**. Sesc São Paulo. Outubro, 2015. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/9469_NOVAS+CONFIGURACOES+FAMILIARES
- GARCIA, Regina Leite (org.). **Método; Métodos; Contramétodo**- São Paulo: Cortez, p.193-208, 2003.
- GERALDI, Corinta Maria G. Desafios da pesquisa no cotidiano da/na escola. In GARCIA, Regina Leite , ZACCUR, Edwiges (orgs.). **Cotidiano e diferentes saberes**- Rio de Janeiro: DP&A, p.181-222, 2006.
- MATURANA, Humberto R..1928- **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarca à democracia/** Humberto R. Maturana, Gerda Verdenzoller: tradução de Humberto Mariolli e Lia Diskin- São Paulo: Palas Athena, 2004. Disponível em: https://issuu.com/movimentocidadesinvisiveis/docs/amar_e_brincar_-_fundamentos_esquecidos_do_humano
- NEVES, Jonas Anderson Simões. O ensino das ciências humanas no ensino fundamental e médio.**Resumo da oficina ministrada no II seminário de educação internacional e intercultural e I encontro de educadores de escolas técnicas e do campo: contribuição de Paulo Freire para a educação contemporânea**. Três de Maio, 2017.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa, **Estudos ao cotidiano**. Pesquisa em educação e vida cotidiana- Educação temática digital v.9, p.162-184,out. 2008.

SOUSA, Lumárya de Souza, OLIVEIRA, Thaianie. Cartografias da pesquisa-ação: em busca do deslocamento da epistemologia do Sul, **Comunicação e Sociedade**, vol 33, -2018

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**- Educação e pesquisa, São Paulo, 2005.

TURA, Maria de Lurdes R. A observação do cotidiano escolar. In ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marília P., VILELA, Rita A. T. (organizadoras). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação** – Rio de Janeiro: DP&A, p.183-222, 2003.

Apêndice

Questionário:

- 1) Como a família percebe a escola e o papel da mesma?
- 2) Como pensam o papel da família na escola?
- 3) A presença da família na escola é importante? Ela existe?
- 4) A criança gosta ou não de ir a escola? Por quê?
- 5) Quais dificuldades ou facilidades encontradas na escola? Por quê?
- 6) A criança tem o hábito de estudar em casa? Tem alguém que ajude com os deveres?
- 7) O que as crianças gostam ou desgostam na escola?
- 8) O que acham do acompanhamento da escola na família?
- 9) Do que as crianças gostam de brincar? Como elas são?